MONÇÕES
REVISTA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UFGD

DOI: 10.30612/rmufgd.v10i19.13035

Entrevista com Celso Luiz Nunes Amorim

Entrevistadores:

Tomaz Espósito Neto
Professor adjunto da Universidade da Grande Dourados (UFGD),
Dourados- MS, Brasil.
e-mail: tomazneto@ufgd.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6139-8791

Camilo Pereira Carneiro
Professor da Universidade Federal de Goiás (UFG),
Goiânia-GO, Brasil.
e-mail: pereiracarneiro.camilo@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7229-1298

Fernando José Ludwig
Professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT),
Porto Nacional-TO, Brasil
e-mail: fernandoludwig@mail.uft.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3365-9181

Bruna Letícia Marinho Pereira
Universidade da Grande Dourados (UFGD),
Dourados- MS, Brasil.
e-mail: brrunaleticia@hotmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7175-2232

Resumo: Celso Luiz Nunes Amorim é um diplomata brasileiro, com larga experiência internacional. Ao longo de sua carreira, ocupou por duas vezes o cargo de Ministro das Relações Exteriores do Brasil. Foi, ainda, Ministro da Defesa do Brasil.

Palavras-chave: Segurança integrada; Ajuda Humanitária; Fronteiras; Política Externa Brasileira; Defesa Nacional.

Obs: Este trabalho está inserido nas atividades do projeto Defesa Nacional, Fronteiras e Migrações: Estudos sobre Ajuda Humanitária e Segurança Integrada (Edital PROCAD-Defesa 2019) com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Ministério da Defesa. Outrossim, está inserido no projeto Cátedra Jean Monnet da UFGD, financiado por recursos da Comissão Europeia pelo Programa Erasmus +.

Revista Monções: Ministro, por favor, o senhor poderia contar um pouquinho da sua trajetória profissional desde a faculdade até os dias atuais, por favor?

Celso Amorim: Em primeiro lugar eu não fiz faculdade, eu fiz vestibular em filosofia, mas não cursei e na verdade eu passei uns dois anos fazendo atividades diversas, traduções, cinema, tipo ligado ao cinema novo no Brasil no início e entrei direto para o Instituto Rio Branco.

Comecei a cursar em 1963, e eu gosto muito de chamar a atenção para isso, porque às vezes quando aparece biografia, diz assim, começou a trabalhar em 1965. É verdade, o Rio Branco eram dois anos. Mas eu entrei para a diplomacia em 1963 e isso faz uma grande diferença, porque isso foi antes do golpe e, portanto, em um contexto bem diferente.

[...] o [instituto] Rio Branco me ofereceu uma oportunidade, já tinha uma bolsa desde o início, enfim, várias razões. Mas aí, então já eu tinha uma intenção também de ao mesmo tempo de ser diplomata poder estudar, ainda mais, política, sociologia, essas coisas que eu gostava, filosofia. É, mas essa necessidade de estudar foi, digamos assim, acentuada pelo golpe, que eu me senti muito mal no início da carreira com tudo estava até ocorrendo na diplomacia, embora, digamos assim, não havendo esse ponto de vista pessoal, pelo menos no início, vimos uma ameaça, assim, que não me agradava em nada. O Brasil teve uma grande guinada na política externa independente nas fronteiras ideológicas, vocês conhecem isso, eu não preciso estar repetindo, então meu objetivo era estudar para poder sair, então de fato, eu aproveitei uma bolsa para academia diplomática de Viena, depois quando eu fui para Londres, eu fui para Londres com o objetivo de fazer um mestrado alguma coisa e sair.

E depois, quando eu fui o primeiro posto foi Londres, portanto, tive essa passagem por Viena, mas na academia diplomática, o meu primeiro posto foi Londres o segundo posto foi para missão junto com a OEA, eu acho que naquela época, era possível essa coisa de um posto, chamado “posto A” para outro “posto A”.

[...] É, eu participei de reuniões, por exemplo da CEPAL, reuniões das CIES, que era o Comitê Interamericano de Econômico e Social. E o Brasil defendia posições muito

progressistas na área econômica. Na CEPAL, por exemplo, foi uma reunião, CEPAL/Cuba, eu participava porque era da ONU, CEPAL não é da OEA. Então, como Cuba tinha sido excluído a da OEA, mas não da ONU não.

E na reunião da CEPAL, que era uma reunião de ciência e tecnologia, o nosso, não por atitude minha, mas o nosso chefe que era o embaixador Miguel Ozório de Almeida. [...] E depois, também, na parte econômica e social, em outras reuniões que eu participei, com o embaixador Maciel e também foi muito importante para mim, muito interessante. É, o Brasil também defendia posições não tinha que é ilusão que a maioria dos Latino-americanos tem de esperar que um governo [Norte] americano fizesse toda as benesses para nós, não tinha. Então, queríamos mais era liberdade, mais digamos, diminuir as barreiras, enfim, que ações desse tipo, tratamento razoável para a dívida. Posições em geral mais alinhadas com as posições dos países em desenvolvimento. Então, na parte multilateral, sobre tudo, mesmo na OEA, o qual o lugar era difícil teve muita coisa interessante.

Então, era o momento de uma certa discussão onde um certo interesse e por felicidade, tanto o embaixador Maciel quanto o ministro do Conselho Europeu, estou falando disso porque eu fiquei mais tempo, houve outros também, mas enfim. Que depois do embaixador Ítalo Zaapa , ele era o número dois da época, uma pessoa de grande competência, então foi muito interessante.

E quando eu voltei para o Brasil, eu fui trabalhar, aí terminado essa fase, já promovido acho que para primeiro secretário. Eu voltei para o Brasil e fui trabalhar na área de planejamento do Silveira, no governo Geisel. Então também foi muito interessante porque a exceção talvez o problema de Cuba que era uma obsessão dos militares, então aquilo, mesmo assim tinha havido uma pequena mudança.

Então era uma política mais aberta mais plurilateral que o Brasil internamente tinha começado um processo de abertura.

E aí voltei para o Itamaraty. Depois da Embrafilme eu já era ministro fui promovido a conselheiro, a ministro na classe e tinha muita, certa projeção. Por exemplo, a Embrafilme era

uma estatal pequena, mas era uma estatal, era relativamente jovem, fui trabalhar para lá com 35, 36 anos. E, aí depois já beirando aos 40 eu fui mandado para Holanda.

Eu sou uma pessoa que fui Ministro das Relações Exteriores duas vezes, sendo que uma é errado e em três mandatos presidenciais e fiquei duas vezes no DEC. Sabe o que que é DEC no Itamaraty? Departamento de Escalas de Corredores. Eu tive todas as experiências. Então a minha primeira DEC foi depois da Embrafilme. Mas o Itamaraty não tinha intenção de me perseguir, era o Ministro Guerreiro, eu tinha pessoas, amigos ligados ao Guerreiro também. Ele apenas me apenas me mandou, me mandaram um lugar onde eu não chamasse a atenção. Então me puseram para ser o número dois da embaixada do Brasil na Holanda. Para mim foi muito agradável do ponto de vista familiar, foi até interessante porque eu tratei muito da questão do Suriname. Com o tratado de fronteira que naquela época teve aquela rebelião dos sargentos, enfim vários episódios importantes e eu, o posto privilegiado, eu era o Haia. Então eu pude formar, talvez melhor que o nosso embaixador do Suriname. Não que o nosso embaixador do Suriname não fosse bom, mas ele estava e tinha menos informação.

Mas, com a democratização, sim, tive o interesse de voltar, vou resumir muito a história, porque também eu teria que contar outra pessoa que eu também não conhecia antes que eu conheci por coincidência era o Renato Archer , que foi ministro da Ciência e Tecnologia. O primeiro titular da pasta no governo Sarney, então foi criado e antes tinha se falado que ele poderia ser até Ministro Exterior e por essa razão eu tive interesse de aproximar dele. E obviamente vice-versa. Ele me conhecia por nome, um pouquinho. E ele me convidando para Ministério da Ciência e Tecnologia onde eu passei quatro anos e foi muito interessante também [...]

Curiosamente, veja bem, eu depois que fui duas vezes embaixador em Genebra, no GATT, na OMC. Mas a minha primeira participação numa reunião do GATT no setor da OMC, é quando eu estava no Ministério da Ciência e Tecnologia eu fiz parte da delegação brasileira no lançamento da rodada do Uruguai em 1986 porque eu representava, nós tínhamos o interesse por causa da informática e outros assuntos como patentes e essa propriedade

intelectual. Eu fui lá, enfim, por ali que fui entrando. Bom, final do governo, já encaminhando para o final do governo Sarney, um pouquinho antes do final.

Então voltar para o Itamaraty, que era a minha carreira, só que aí, peguei mais 6 meses de escada corredores porque havia uma certa rivalidade, em parte uma rivalidade pessoal e parte também por causa diferenças políticas entre o próprio Renato e a chefia do Itamaraty.

Então, eu fiquei seis meses sem função. E aí a coisa mais importante que eu fiz foi um trabalho para a CEPAL sobre desenvolvimento tecnológico. Seis meses que tinha muito, minha atividade tinha sido muito intensa na área de informática na área de cooperação, durante a gestão do Renato Archer, começa talvez o maior projeto de cooperação científica e tecnológica que o Brasil já teve que a construção do satélite CBERS, com a China.

E já nessa outra fase, quando saiu o Ministério da Ciência e Tecnologia o José Aparecido de Oliveira . O José Aparecido, não tanto pela influência, eu diria porque não foi tanto tempo, mas ele teve um papel, nós tivemos muita afinidade, ele era muito ativo na área cultural.

Eu me identifiquei e digamos viabilizar diplomaticamente. Claro, nisso tive apoio, mas digamos viabilizar porque eu tive que fazer as coisas práticas, que foi a primeira reunião dos presidentes dos Países de Língua Portuguesa que se realizou em São Luís do Maranhão, no finalzinho do governo Sarney e eu não tenho a menor dúvida que eu devo a isso a minha promoção a Ministro de Primeira classe.

Então, foi uma coisa assim extraordinária que promovido. Então tive a sorte de quando começou o governo Collor eu já era Embaixador. E aí eu tive um momento importante porque estava conjunção de fatores técnicos em si o [Francisco] Rezek . Eu ajudei na transferência do Instituto Rio Branco para Brasília. Não na parte administrativa, mas na parte acadêmica. Porque, apesar de eu não ter terminado nenhum curso direito, eu era a pessoa que mais entendia, que tinha mais vivencia no mundo acadêmico.

E uma das pessoas que eu convidei para ser professor foi o Rezek. Para dar aula de Direito Internacional Público. Então tinha uma relação, assim, um companheirismo, camaradagem com ele, durante algum tempo dei aula lá, também fazia parte do mesmo

departamento, na época, o departamento incluía Relações Internacionais ou a mesma faculdade, eu acho que era a Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, incluía os dois o Direito e Relações Internacionais.

Então eu tinha tive essa relação, só para dar uma pontinha acadêmica nessa época também foi professor da Universidade de Brasília (UnB).Então, o primeiro curso sério de Relações Internacionais acadêmico foi o da UnB

E já promovido a Embaixador, Chefe do Departamento Econômico, que era digamos internamente era uma promoção. Vamos dizer assim, Departamento... inclusive que estava negociando final da rodada Uruguai, estávamos, enfim, por um processo que começou.

Ai então era o final da rodada do Uruguai, as negociações econômicas Brasil-Argentina, a iniciativa busca, era iniciativa para as Américas do Presidente Bush pai, e a combinação dessas coisas acabou levando a fazer o Mercosul. Então muito importante porque foi o governo Collor que o governo Sarney preparou o terreno para a integração com a Argentina, mas era uma integração mais para política do que econômicos, os grandes espaços econômicos mesmo foram graças ao voluntarismo do Collor e do Carlos Menem concretizados depois que não posso talhar.

Bem, então foi isso, aí eu fiz essa carreira e de repente a minha carreira que tinha sido muito rápida até Ministro de Segunda Classe. Eu fui o conselheiro mais moço, o Ministro mais moço quando promovido, não mais moço da história, o Ministro mais moço quando promovido. Levei 10 anos para ser promovido a Embaixador, por causa da Embrafilme, por causa do Ministério da Ciência e Tecnologia e sei lá, por outras razões. E aí novamente, eu em três anos, eu fui embora, agora abreviando um pouquinho, eu fui Chefe do Departamento Econômico, Embaixador em Genebra e Secretário Geral e Ministro das Relações Exteriores.

Então todos os degraus direitinho mais os degraus aceleradamente, e fui Ministro das Relações Exteriores em parte e volta já no governo do Itamar, quando Fernando Henrique saiu do Ministério das Relações Exteriores para ir para a Fazenda, era o José Aparecido que foi

convidado, aliás o decreto chegou a ser assinado e ele não tomou posse. Aí ele me convidou para ser o Secretário-Geral do Ministério.

E aí eu, enfim, encurtando uma longa história, o José Aparecido que acabou não assumindo e o Itamar também acho por contingências específicas que ocorreram, teve aquela crise, a crise provocada mesmo para o Itamaraty, foi o que o Itamar falou sobre os Embaixadores, mas na realidade foi provocada foi que dois incidentes graves que ocorreram no Brasil, foi o Massacre na Candelária e a dos indígenas Yanomami e aí, enfim.

E enfim, ele [Itamar Franco] acabou me convidando para ser o Ministro das Relações Exteriores, eu fiquei interinamente durante uns dois meses. O Itamar me confirmou com Ministro no final de agosto. Eu sei que eu fiquei, porque que ele me nominou como Ministro interino foi uma coisa curiosa, porque como um Ministro interino, mas ele fez uma cerimônia. Aí eu fiquei pensando, será que a intenção dele me fazer um Ministro permanente? Porque assim, para que cerimônia para um Ministro interino?

E aí sei lá, três semanas depois ou um mês depois eu virei o Ministro das Relações Exteriores e foi muito interessante. Eu vou dizer duas coisas marcantes na história da política externa que ocorreu nesse período, pelo menos duas poderia falar de várias outras.

O Mercosul já tinha sido concluído, eu tinha negociado o Mercosul como chefe de departamento econômico, eu rubriquei o tratado, não o assinei, o Ministro era o Rezek, mas eu rubriquei a minuto o Tratado de Assunção (1991) e assinei como Ministro junto com o Itamar em prol com o mesmo protocolo de Ouro Preto (1994).

E os documentos todos de Ouro Preto, era de política externa comum, essa é uma coisa importante. O estabelecimento definitivo do Mercosul, como união aduaneira, e a institucionalização do Mercosul. Eu como já tinha tido uma participação lá no nascimento tive uma participação nessa, digamos, nessa conclusão dessa primeira etapa, foi muito gratificante.

O Ministro da Relações Exteriores era também o encarregado nas negociações comerciais. Então você tem muito a ocupar-se, muito ocupado. Eu tinha que cuidar de

Mercosul, cuidar da Comunidade Sul-Americana de Nações (Casa), mas tinha que cuidar do Paraguai, por exemplo, Bolívia sempre era o Gasoduto, Itaipu, sempre com questões obviamente e ao mesmo tempo e tinha que Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que foi uma coisa que evoluiu nessa época e ao mesmo tempo, o GATT a OMC etc.

Enfim, então eu assinei a rodada do Uruguai, então eu acho duas coisas muito importantes que ocorreram nesse período. E aí, gente o resto da trajetória é rest of history porque eu sendo Ministro do Itamar por um curto período, aí eu fui Embaixador da ONU.

Depois, eu voltei para Genebra novamente. Isso, quando eu estava no Conselho de Segurança, então passando rapidamente foram 4 anos. Então, eu voltei para Genebra e participei do lançamento da rodada de Doha. Não como Ministro, mas eu que eu tinha participado rodada. Eu tinha participado do lançamento da rodada do Uruguai, como um elemento menor, mas tinha participado, assinado o acordo de Marraquexe , era embaixador em Genebra quando foi o lançamento da rodada de Doha.

É um fato. Talvez, antecipando a segunda pergunta de vocês, talvez uma das coisas mais assim, eu posso dizer, eu chutei muita bola na trave, mas eu fiz um gol, que não foi sozinho, bom nunca pode ser sozinho, só o Maradona que pode fazer gol sozinho, nem o Pelé, que passava e tal.

Mas enfim, que foi a Declaração de Doha sobre crise de saúde pública, isso aí é uma coisa importantíssima até hoje é uma base e essa flexibilidade.

Se você olhar, por exemplo, o objetivo sustentável número três sobre decisões da OMS agora, proposta da pandemia, você vai ver – respeitada as flexibilidades estabelecidas pela declaração de Doha sobre crise de saúde -. Que é o que nos habilitou a fazer licenças compulsórias ou pelo menos, ameaçar licenças compulsórias e com isso baixar o preço dos medicamentos principalmente para AIDS não exclusivamente.

Período de Londres foi um período muito agradável. Eu escrevi um artigo no Financial Times que não era um artigo, na verdade era uma carta. E eles publicaram no formato de carta e nos deram tanto destaque que parecia um artigo.

Nesse artigo, tinha saído um comentário sobre um artigo saído antes, no próprio Financial Times, em que ele reproduzia conceitos desses pensadores como neocons, de extrema direita norte-americano, em que falava com a vitória do Lula, fosse, isso entre o primeiro e segundo turno, com a vitória do Lula, o Brasil poderia passar a fazer parte do eixo do mal. Uma coisa totalmente absurda. Eu quando vi aquele negócio, eu não estava pensando em eleição, eu não estava pensando em nada. Eu falei, isso tem que ser respondido agora.

Escrevi a carta, aquilo ali é uma carta combatendo. E uma expressão que tem no meu artigo virou o título, que deu muita ênfase. E o título era assim, o "eixo da estupidez" (Axis of stupidity).

Isso teve repercussão inclusive no Brasil. Porque tinha, eu vi que teve uma coluna, acho que uma coluna daquele Nelson de Sá, toda a mídia, que fala da mídia estrangeira, e ele reproduziu isso. Então isso deve ter influído. Porque eu não tinha relação.

Eu acho que virei o Ministro do Lula por isso, porque eu não conhecia o Lula e nessa eu não era do PT, não conhecia o Lula. O meu maior amigo dentro do PT era o outro possível candidato, que era o Marco Aurélio Garcia que era obviamente que era uma pessoa de grande experiência.

Eu até uma vez, aí estou antecipando indo para o final, aí já não é mais trajetória são coisas recentes vão perguntar, mas só concluir talvez isso. Eu não tinha contato com o PT eu conhecia o Marco Aurélio Garcia e conhecia naturalmente tratava bem políticos do PT que passavam por Genebra ou por Londres. Mas como eu tratava bem os outros dos outros partidos também tinha minhas inclinações pessoais que eram digamos muitos semelhantes ao do PT.

Então uma vez eu comentei isso, eu não conhecia ninguém do PT, aí uma pessoa do PT, o Luiz Dulci, que foram a uma reunião com algumas ONGs, assim, você não conhecia o PT, mas o PT te conhecia. Muito interessante, gratificante.

Enfim, aí depois o Lula me entrevistou uma ou duas vezes e ele entrevistou outras pessoas. Que a decisão do Lula, quero dizer isso, que não era o Celso Amorim, inicialmente,

era uma do Estado. Não é garantia, você viu o que temos hoje, mas de qualquer maneira a ideia do Lula era ter uma pessoa que tivesse experiência e conduzir os negócios do Estado.

Os Estados Unidos chamam Secretário de Estado e o Ministro das Relações Exteriores. E, então ele entrevistou alguns, e acho que ele teve mais afinidade comigo. Não é que eu seja melhor que os outros, mas acho que ele teve mais afinidade comigo e me nominou e foi assim.

Revista Monções: Ministro, durante 2011 e 2015 o senhor foi Ministro da Defesa, tanto como Ministro das Relações Exteriores e como Ministro da Defesa, como foi essa construção e essa articulação da Política Externa e a Política de Defesa do Brasil? Em que ponto elas se aproximavam e que ponto elas se distanciavam? E já vou aproveitar e enganchar outra, e as fronteiras, como se deu essa construção das relações com os países lindeiros e as questões das fronteiras nessas relações, tanto externas quanto na área de defesa?

Celso Amorim: Bem, eram dois ângulos distintos. Como Ministro das Relações Exteriores, eu não senti nenhum problema. Eu não me lembro de nenhum momento, como Embaixador, inclusive, que tive muito contato, então como Ministro das Relações Exteriores, claro que não foi sozinho, o Embaixador Sardenberg, nessa época era Embaixador na ONU participou disso, mas depois assim, eu fui responsável pela primeira participação importante do Brasil em operações de paz, desde o período de Suez e tudo mais que foi o que o Brasil participou da ONUMOZ, que era operação de Moçambique, e depois participou também de Angola, que não lembro o nome como que era. É de participação de Angola.

Inclusive a participação de Moçambique, foi preludio para a participação em Angola, eu participei diretamente da ONUMOZ porque eu era Ministro das Relações Exteriores e o próprio Ronaldo Sardenberg que era Embaixador na ONU pediu para que eu ligasse para o Secretário Geral era Boutros Boutros-Ghali que ali havia outras tendências. Tinha gente que não queria o Brasil. Tinha outros países europeus, que tinha muita presença no período de transição lá de Moçambique. Porque foi um fim da guerra civil, era um momento pegado ao Apartheid, incialmente. Um absurdo, um absurdo.

Mas enfim, mas haviam outros europeus que acho que temiam do Brasil fosse ter mais influência do que eles. Então eles não queriam o Brasil. Mas acabou que o Boutros-Ghali achou bom o Brasil e ele curiosamente ele já tinha pensado também que essa participação seja um preludio para uma operação de paz maior que seria em Angola, e teria lugar depois das eleições que estavam planejadas. E de fato, eu como Ministro das Relações Exteriores, do Itamar Franco, eu participei, aliás, essa foi uma das viagens que eu fiz.

E como Embaixador da ONU, também trabalhei ativamente para participação do Brasil na, que já estava pensado, mas que se concretizou quando eu fui Embaixador na ONU com a participação do Brasil em Angola. O Brasil teve aumente ocasionalmente a chefia, mas nunca, ele passou o maior contingente, sem a chefia. A primeira vez que o Brasil teve o maior contingente em chefia foi o Haiti.

Aí voltando, a você, continuando a sua pergunta. Não tive nenhuma dificuldade, não tive nenhuma dificuldade também de interlocução, às vezes, um pequeno ruído por declarações feitas, mas não tive dificuldade nenhuma com a nossa participação no Haiti.

Mas no período que eu fui Ministro, eu não tinha, essas queixas que surgiram com relação a, digamos assim, massacre, sei lá, morticínios, não sei, ataques indiscriminados eu mandei depois em relação a outros aspectos, eu não ouvi, na época em que eu era Ministro, a ONU não se queixou, nem as ONGs talvez elas tivessem tanto acessos, não sei.

Isso tudo surgiu depois. Essas críticas surgiram depois. Já bem depois, na verdade, bem depois é que começou a se materializar. Talvez havia dúvida sobre outra operação, mas nada, por exemplo, a ONU não é não é verdade que a ONU tenha pedido a retida do General Heleno, não é verdade, eu lamento, lamento não, eu tenho que dizer isso, aquela mente, acabou que não tenha sido.

Mas eu digo assim, é que gente, sabe aquelas pessoas que se empolgam com certas ideias e começa a falar coisa que não são verdadeiras. Isso não aconteceu. Eu até chequei isso com duas únicas outras pessoas poderiam saber isso. O Ministro da Defesa da época, que era o Viegas e o Presidente da República. Era muito improvável que uma coisa dessa ocorresse

sem a minha participação, como Ministro das Relações Exteriores. Mas vamos admitir que tivessem falado com o Secretário Geral em um momento que eu tivesse envolvido na rodada do OMC, alguma coisa, não, nunca houve esse pedido. As reclamações que surgiram, eu nem estou discutindo, se são fundadas ou não, provavelmente são, não sei, ocorreram depois.

Aliás, a queixa que havia, eu acho muito importante esclarecer isso, a queixa que havia da Comunidade Internacional em relação as tropas brasileiras e o comando brasileiro que ele era excessivamente suave. Excessivamente suave. Ao contrário, há um artigo no Economist, você pode procurar, eu não me lembro se era em 2005, eu até tenho isso anotado em algum lugar, mas não tem como eu procurar agora.

Para resumir o que vocês estava me perguntando, bom nunca tive uma relação difícil com as Forças Armadas, quando eu fui Ministro do Itamar independentemente dessas operações de paz. Eu tinha muito bom contato que eram três Ministros Militares, três não, quatro, que era o Chefe do Estado Maior, as três forças.

Por exemplo, um momento que eu me lembro mais importante foi a visita do [William James] Perry que era o Secretário de Defesa norte-americano ao Brasil. Eu acabei coordenando a visita, porque ele visitou, com cada um dele, nós não tínhamos Ministro da Defesa. Me lembro que, digamos a recepção, fizemos mais o almoço, o jantar fui eu que dei no Itamaraty.

Eu tinha uma relação muito boa, sem nenhuma dificuldade com eles. Muito bom contato em função dessas operações de paz. Já começou no período Itamar a nossa cooperação na Namíbia, também com a marinha, enfim não tinha problema.

Bom, essa era a minha visão, digamos, é, mais geral do nosso relacionamento. Quando, ocasionalmente eu percebia digamos que havia aspectos da política, não era bem da política de defesa, mas do aspecto da política industrial, de defesa, da política tecnológica e não levava tanto em conta certos aspectos importantes da política externa.

E aí não é só um problema de política externa, não é que eu achasse ruim, do ponto de vista da política externa, porque acaba causando prejuízo, por exemplo, excessiva

dependência do Super Tucano brasileiro e dos aviões brasileiros em geral da aviônica norte-americana. E quando uma vez eu comentei isso com os comandantes da aeronáutica, ainda como Ministro das Relações Exteriores, acho eu, “ah não, nós vamos procurar uma parceria com Israel”, gente dá na mesma, não vai mudar nada sobre esse aspecto, não tenho nada contra a Israel, assim, tudo bem. Mas você tem... vai que um dia você tem um voto que não agrada sobre a Palestina e vai ter problema no nosso. Então eu acho que havia, coisas desse tipo. Aí eu passo para a minha visão como Ministro da Defesa.

Eu sentia uma maior, se você pegar, pega documentos... e talvez o que eu... Primeiro, vamos falar da estratégia nacional de defesa, foi feita antes. Eu participei um pouco mais não muito. Foi feita na gestão do Ministro Jobim a primeira versão.

No meu período foi feita a segunda estratégia, foi feita uma reformulação da política nacional de defesa e foi feito Livro Branco. E eu me dediquei bastante sobre o Livro Branco porque tinha, eu vi o trabalho e eu achei que estava muito mal feito, ainda academicamente. Juntavam muita coisa, não tinha um pouco do fio condutor. Não ficou muito bom, mas estava melhor do que estava. Tive que me dedicar muito.

Se você vê toda a toda introdução, e pegando também a política nacional de defesa, por exemplo, você vê todos eles assim, um dos objetivos é a defesa ajudar nos objetivos de política externa.

E isso era uma coisa real. Você via, por exemplo, os comandantes militares para justificar até os investimentos, falavam do Brasil no Conselho de Segurança, falavam da nossa política de integração da América do Sul, tudo por exemplo, a criação do Conselho de Defesa Sul-americano foi apoiada. Então, quer dizer, criou-se o Curso Avançado de Defesa Sul-Americano (CAD-SUL), por exemplo, na Escola Superior de Guerra (ESG).

É, o então comandante da Escola, não na época da criação do General cujo nome eu não me lembro, mas que depois que eu me lembro era o Leal de Ferreira que ficou bastante tempo, depois ficou como comandante da Marinha. Ele já queria fazer, ele era quem queria

fazer, e eu queria também, mas ele que me propôs, a final não teve dinheiro, final do governo então não deu para fazer. Mas era a ideia fazer um CAD-SUL para a África.

Então quer dizer, isso era perfeitamente de coordenado para as nossas concepções. A Marinha Brasileira fez várias viagens importantes para a África, continuou com a cooperação com Moçambique, participava dos exercícios do IBSAMAR , onde a participação americana foi recusada, teve várias vezes que eles quiseram participar como observador, e eles "não isso é coisa nossa Índia, Brasil e África do Sul".

Então, eu não tenho assim, digamos grande concepção, eu não tive nenhuma, não via nenhuma dificuldade. No concreto às vezes sim, porque eu acho que aí tem coisas corporativas que levam muito tempo para mudar, como levam também o Itamaraty. As Forças Armadas talvez por outras razões envolvem mais pessoas, mais tempo e tal. Você, digamos assim, fazer é muito mais fácil, que uma viagem de um dos comandantes por uma alta-autoridade para os Estados Unidos do que para a África, ou do que para a Índia, ou do que para a China. Não é que houvesse uma resistência assim, aberta, mas acabava ocorrendo na prática.

E digamos, você é quase, se você olhar se a carreira das pessoas, ser adido Militar em Washington, ou adido Naval em Washington é uma coisa muito é cobiçada, é novamente um degrau na carreira. Eu acho, por exemplo, esse [Gen. Walter Souza] Braga Neto, foi adido Militar em Washington, se não me engano. E assim vai.

Você pode encontrar vários desses que chegaram em General de quatro estrelas. Isso é fruto da história, o Brasil com a cooperação com os Estados Unidos mesmo apesar daquela ruptura da época do Geisel, ele se conservou.

Nós tentamos fazer uma coisa no final do governo Dilma, mas não houve tempo de concretizar as exposições e os motivos a respeito do documento, informações, muito importantes. Querer levar os nossos adidos, que o único lugar em que você tem um General de duas estrelas, como adido militar, é em Washington, eu acho isso um absurdo, você tem

os conselheiros militares, mas aí é outra coisa que gera outros Generais Oficiais Aposentados na ONU e em Genebra, enfim. Também, agora adido militar general, só em Washington.

Então o que ele queria, ele não queria rebaixar Washington. Deixa lá! O General duas estrelas, mas o que ele queria fazer, também, que lugares centrais como Paris, com submarino nuclear, Moscou pela importância obvia que tem, Beijing, Deli, temos os BRICS, na realidade, não lembro se a África do Sul entrava nisso também na primeira légua. Mas a ideia basicamente era os BRICS e a Argentina. Eu queria que nesses lugares também fosse um General. E há expediente sobre isso, cálculos de despesas para ir.

Agora você sabe que as vezes, por razões não políticas, mas... a burocracia é um terror. É um terror. Tem a frase do Hamlet, que não me lembro mais assim, que as melhores, os melhores empreendimentos esbarro e deixam de virar ação pelas as dificuldades que vão sendo criadas.

Esse assunto, por exemplo, poderia ter sido resolvido se não fosse – tem que calcular o salário, a diferença do salário a mais do General, de duas espigas com Coronel, é alguma coisa ínfima. Ínfima!!! Absolutamente ínfima do orçamento enorme de pessoal das Forças Armadas. Mínima, mas sabe... então uma lei, eu acho que uma mudança, eu não sei. Eu sei que digamos que isso foi proposto, infelizmente não foi concretizado. Seria muito importante até para normalizar a relação com o Brasil com os outros países, não é só os Estados Unidos. Parece colônia né. Mas é um pouco, mas enfim. Toda a luta nossa era para deixar de ser, era.

Então eu acho, voltando a sua pergunta básica de você, embora, digamos assim, se eu falar, não vamos... o mundo multipolar, né? É.. Qual é a próxima viagem? É os Estados Unidos! Entendeu?! Então.... é assim, estou simplificando um pouco e não estou dizendo que não tinha visto colaboração sobre tudo da Marinha, que tinha uma relação intensa com a França, por causa do submarino, por outras razões, o exército um pouco menos, enfim, a aeronáutica muito forte nos Estados Unidos. O que eu estou dizendo, há hábitos, e os hábitos são difíceis de mudar.

Por exemplo, a JID (Junta Interamericana de Defesa) a meu ver, na realidade é uma sobrevivência da Guerra Fria. Não tem nada a ver, eu conheci isso porque eu fui Jovem Secretário também no Ministério do Brasil na OEA, o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca deveria ter sido anunciado.

Nunca tive dificuldade, na minha concepção, pelo menos com as pessoas que eu lidei. Não se se por interesse ou por outras razoes sempre que via lá no PowerPoint para justificar um pedido repetiam o que eu falava, na América do Sul é cooperação para a dissuasão para fora cooperação para dentro cooperação, a cooperação é a melhor dissuasão.

Eu pedi, fiz questão que sempre houvesse convite a Força Armada dos outros países, cada vez que tinha a operação Ágata, isso era sempre feito, às vezes, para eles não vinham, isso era diferente. Que era uma abertura para evitar várias dessas coisinhas que eu tinha visto como Ministro Exterior, involuntários, mas que acontecia com a fronteira com Paraguai.

Uma vez eu estive ali em Ponta Porã, e alguém me apontou, aqui já é o Paraguai. E eu disse deus me livre eu não vou botar o pé ali do outro lado que vai dizer que o Ministro da Defesa está entrando no Paraguai um drama sem você comunicar antes ao governo paraguaio.

Eu não ouvi um incidente desse tipo quando eu fui como Ministro da Defesa. Então, eu estou dizendo, eu não tinha dificuldade nesse plano. A ideia da cooperação do Conselho de Defesa Sul-americano e nada disso. Então tudo isso, era ocorria com uma maior tranquilidade e não tive nenhuma dificuldade, na teoria. Agora, “ah vai ter uma reunião sobre o Atlântico em Quebec” ah, difícil convencer a ninguém ir, porque eu tinha que baixar um pouquinho o nível. Eu não me interesso pelo Atlântico, eu não quero estar envolvido no Atlântico Norte. Nosso Atlântico é o Atlântico do Sul. O Atlântico do Sul é uma zona de paz. Então, eu não quero também isso. Agora, tudo bem, ao mesmo tempo a Marinha me apoiava muito ou eu apoiava a Marinha. Não sei. Não esqueço que estávamos em uma Zona de Paz e Cooperação do Atlântico do Sul (ZOPACAS).

Fizemos a primeira reunião realmente técnica e objetiva, apesar da ideia de zona de paz ser sido criada lá no governo Sarney, em 1986. Uma reunião técnica sobre segurança

marítima foi feita em Salvador, curiosamente nas instalações da Aeronáutica, pela Marinha Brasileira.

Eu não tenho essa queixa. Eu nunca vi. Nunca teve um problema ideológico naval. O problema difícil que eu tive com as forças armadas, não é que eu tive é que havia que eu era algodão entre cristais nesse caso, era a Comissão da Verdade.

Revista Monções: Tem alguns aspectos interessantes, por exemplo, na época que o senhor foi Ministro foi promulgado, por exemplo, Plano Estratégico de Fronteiras (PEF) (2011). Que há uma diferença entre o governo Lula e o governo de Dilma na forma de tratar o entorno estratégico na fronteira. É um sentimento, existe muito mais uma preocupação com o desenvolvimento na época do Governo Lula um aspecto muito mais para segurança, tanto é que saiu o SISFRON entre outros. Mas como que se dava essa articulação? E acho que está presente sempre na sua fala de desenvolvimento, cooperação nesses dois períodos entre o governo Lula e Dilma na questão de fronteiras em torno Estratégico.

Celso Amorim: Olha, eu não vejo uma diferença nesse sentido. O que eu acho é que algumas coisas que talvez já viesse sendo pensados maduraram no governo Dilma. Então eu acho que, que digamos, se você pensa nessas operações Ágata, por exemplo, é uma iniciativa do governo Dilma, tomada aliás, antes da minha posse ainda com o Ministro Jobim. Mas muito correta, muito boa.

Porque havia uma preocupação muito grande com as Fronteira e isso cresceu muito no país. Porque as Forças Armadas não têm uma competência direta, nem deve ter relação ao crime organizado, mas fronteiras elas têm e muito. Muito do crime organizado, não precisa dizer para você que está aí na fronteira, mas qualquer fronteira passa pela fronteira e aí sim, as forças armadas têm competência.

Então, eu acho que, digamos, havia essa preocupação no país com temas de segurança e crimes organizados vinha crescendo, tinha crescido, já tinha se espelhado no Morro do Alemão, tinha se espelhado em outras circunstâncias.

Então, talvez, por isso haja esse teu sentimento. Mas eu acho que é ao contrário, porque nós até, eu não sei se já tinha no governo Lula, eu não me lembro, se a Estratégia Nacional de Defesa, sim, falando da integração sul-americana, mas a ideia de uma base sul-americana de defesa, por exemplo, que a gente desenvolveu, né. A ideia de você ter projetos conjuntos, de indústria de defesa, eu acho que ela se desenvolve bastante no governo Dilma. Concretou-se alguma coisa eu não sei te dizer, mas por exemplo, nós compramos barcos blindados da Polônia, tínhamos projetos de fazer um barco binacional, tinha até um pequeno navio fluvial que a ideia era ter a Colômbia e Peru. Houve projetos ligada a Base Americana de Defesa, você tinha no âmbito da CDS, não o nome que tinha, mas a ideia era você fazer, por exemplo, um drone sul-americano, um avião de treinamento sul-americano, era difícil. Nessas coisas, você encontrava resistência das Forças Armadas. Porque aí sair do hábito foi muito difícil. Então, não é uma questão ideológica ao meu ver nem divisão estratégica, mas é difícil você mudar o hábito.

Então se você tem, ahh mas fazer com a Argentina vai dar trabalho que eles estão mais atrasado, ei vou fazer... sabe tinha um pouco essa concepção, mas acabamos fazendo. Por exemplo os barcos patrulha que nós compramos da, acho que foi até para o exército nem foi para a marinha, foi para o exército. O barco patrulha que nós compramos da Colômbia, tinha uma oferta do país nórdico que era mais barato, eu falei, gente a tem que fazer, eu não posso querer vender isso Super Tucano para Colômbia e fingir que na hora de comprar o barco vou comprar o da Noruega, se eles nunca testaram e tal, etc. e tal.

Então havia essa preocupação muito nítida e muito intensa. Eu vou dizer que, por exemplo, das minhas viagens aos países Sul-americanos, não digo todos, mas alguns deles, por exemplo, o Peru, eu fui lá visitar o negócio dos estaleiro, eu vi que era possível fazer lá, o que tinha que fazer no Brasil, até para a reforma dos submarinhos, aquele negócio de reforma de meia-vida, então eu acho que havia sim essa preocupação muito forte, agora como cresceu muito a preocupação, em geral, com segurança, como ouvir as operações Ágata, eu acho que foi uma coisa nova é muito mobilizadora e eu acho até positiva no seu conjunto. Eu acho que

houve, pode dar essa impressão que você está sugerindo, mas eu não que acho que teve um deslocamento de prioridade não. Pelo menos não no plano conceitual.

Revista Monções: Sobre o Conselho de Defesa Sul-Americano (CDS), foi uma grande iniciativa brasileira e sul-americana, gostaria que o senhor falasse um pouquinho dela. Nesse momento agora que foi praticamente abandonado...

Celso Amorin: Não, mas vai voltar, eu fico tranquilo. Eu acho que essa coisa de integração sul-americana, claro que você sabe não pertencia como já contei para vocês, mas no final do governo Lula, entrei no PT, não sou dirigente nem nada. Mas tenho uma ligação com o Partido dos Trabalhadores, e, em geral, com os partidos progressistas, e gostaria muito que o Brasil voltasse a ter um governo progressista. Espero que possa ter.

Mas não precisa ter no governo, se tiver um governo normal. Se o Brasil tiver um governo normal a integração Sul-americana tem que voltar a ser uma prioridade, gente, como foi prioridade no governo Sarney, como foi no governo Collor, como foi no governo Itamar, como foi no governo do Fernando Henrique Cardoso, para não falar do governo Lula e Dilma.

Eu acho que houve um pequeno erro tático na Marinha, eles criaram e não devia ter sido proposta naquele momento da UNASUL, até que eu tenho um título de capítulo de um livro que eu ainda vou publicar sobre América Latina, se Deus quiser, se estiver vivo, mas se não alguém publica, é... que tem muito a ver com essa ideia de fronteira. O nome do meu livro é laços de confiança. É baseado em uma frase que na minha cabeça não, depois de uma conversa com o Uribe que era o mais direitista de todos os presidentes da América do Sul. Por quê?

Quando tinha uma crise o [Álvaro] Uribe não ia para Washington ele vinha para Brasília. Ele que ligava, telefonava para o Lula, mandava o Ministro dele para vir falar comigo, assim era. E o problema das bases daqui na América Latina, isso com muita dependência com os Estados Unidos, não estou negando isso, mas ele discutiu conosco. Quando já eu era

Ministro da Defesa, o Ministro deles , que agora me escapa o nome que era um cara até jovem, até achava que ele podia ser candidato e tal...

Eles fizeram um gesto que eu não gostei nada, mas eu estou querendo ilustrar, estou dizendo que ele seguiu tudo, mas ele fez questão de me ligar na roda da OTAN, naquela época o Brasil fez agora.

Então, quem diz, que tem uma relação especial com a OTAN. E fez questão de me ligar para explicar que aquilo não era semento que aquilo não alterava. Ligaram para mim, entendeu? Quer dizer, não para mim Celso Amorim, o Ministro da Defesa do Brasil.

Então, eu acho que o CDS foi uma coisa extraordinária. O CDS, não sozinho, porque não foi só os Ministros da Defesa, também os Ministros das Relações Externas, reuniões conjuntas de Ministros da Defesa e Relações Exteriores.

Essas reuniões impediram o conflito aberto entre a Venezuela e Colômbia. Então nós já tínhamos impedido antes no grupo do Rio, no plano diplomático. Mas nesse caso já com a presença do Ministro da Defesa. Então a criação de confiança entre os países sul-americanos, não era nada fácil, nada é fácil. Mas a gente evoluiu no sentido muito positivo.

E aí o que atrapalhava mais era esse hábito, mas era uma coisa muito importante e essa coisa da indústria Sul-americana de defesa é parte das deliberações do CDS. Inclusive, também do CDS – Conselho de Defesa Sul-americano. A única “broncasinha” que eu tinha com o CDS, é que eu achava que o Ministro da Defesa em todos os países eram civis, salvo a Venezuela, talvez, eram civis.

E quando eu não podia ir em uma reunião, quem ia era José Carlos de Nardi (Estado Maior Conjunto das Forças Armadas (EMCFA)), era quem me substituía. Porque na hierarquia, tinha ficado que era ele que iria me substituiria nessas coisas. É muito curioso que no Brasil se criticava muita coisa a Venezuela que era militarizada. Se via uma reunião da CDS, por acaso eu não tivesse presente, os dois únicos militares eram a Venezuela e o Brasil. Então era uma contradição né. Enfim

Então aí... a gente criou o cargo de Secretário-geral, com o tempo também se permitiria mudar. Mas essas coisas tomam muitos anos, essas coisas as pessoas falam. Eu vejo críticos as vezes até das pessoas de esquerda e tal. Eu que eu acho que tem um aprendizado natural com a própria realidade. Eu vi as progressivamente os militares brasileiros compreenderem a importância da multipolaridade. Você não colocar todos os ovos numa única cesta. Mas isso vem com o tempo crescentemente, excepcionalmente uma pessoa como o Geisel, ele tinha essa visão. Lá atrás, eu comentei sobre a política externa, mas também fica a política talvez a de defesa se quiser chamar assim.

Mas eu tive muitas surpresas agradáveis nesse lado. Você está falando de fronteiras. Eu estou falando de algo mais amplo, de vizinhança. Por exemplo, já no meu último ano de Ministério da Defesa, eu fui, umas três ou quatro vezes, à Argentina, como Ministro da Defesa. Eu fiz uma reunião com todos os militares brasileiros que estavam fazendo estágio do curso lá. Para minha surpresa era número bem considerável, uns 40 mais ou menos. Todos muitos engajados positivamente, não em uma visão de rivalidade, mas uma visão de cooperação. Achei muito positivo. Foi uma das coisas que mais me agradou a ver.

Por exemplo, quando nós estávamos discutindo a artilharia antiaérea quem se ocupou lá das negociações para ver se a gente fazia, ia fazer com a Rússia. Que não é não querer com os Estados Unidos. Os Estados Unidos não fazem! Eles não vendem. Eles não dão nem para o melhor amigo! Para o melhor amigo dele! Eles não dão tecnologia. Não tenho ilusões sobre isso.

Eu acompanhei o Primeiro Ministro Francês, não o presidente, o Primeiro Ministro Francês quando ele veio ao Brasil, que depois foi candidato a presidente perdeu, François Fillon, né.

Ele foi visitar Itaguaí, a base do submarinho. Ele comentou comigo em determinado o momento, assim meio que pensando alto, mas eu não acho que é uma indiscrição, não tem nada demais. Assim, ele pensando alto, “eu não que eu não sei como é que os Estados Unidos deixaram que a gente fizesse isso”. O que o Canadá – isso que eu estava falando do melhor

amigo – o Canadá, o best friend, quis fazer uma coisa parecida e eles não deixaram. Não permitiram.

Então, eu achava importante você ter a artilharia antiaérea da Rússia. A aviação foi com a Suécia, podia ter tido com a França, foi com a Suécia. O submarino foi com a França. E isso não impediu que o grosso das nossas compras militares continuassem sendo com os Estados Unidos.

Mas uma vez, eu tive uma conversa com um Comandante da Marinha. Ele vai se lembrar disso, muito meu amigo. Foi meu colega, mas não só por isso, uma pessoa que eu me dava muito bem, Luiz Flavio Moraes Neto, muita grande admiração, pessoa com muito senso político, foi responsável pela promoção da Primeira Oficial General das Forças Armadas Brasileiras, Almirante Dalva, do corpo médio da Marinha. Uma grande honra para a Marinha ter dado esse passo. É, enfim.

Estou falando agora da Marinha.

Então, visitas a África que eu já mencionei. Então, Atlântico sul extraordinária a cooperação da Marinha, foi realmente extraordinária a cooperação, muito boa talvez até porque a Marinha, pela projeção dela, já está pensando em política externa.

E aí queria lá uma peça, sai vou tentar nos Estados Unidos que teve aqui o Comandante da Marinha Americana, lá tem um outro nome, Chefe Estadual da Armada Americana e ele disse que não teria dificuldade. Eu falei, olha, você pode ir, mas você vai perder tempo. Ah não porque a Marinha e tal.

Então, se você quiser comprar um parafuso, estou exagerando talvez, mas digamos um parafuso para um submarino nuclear, se disser que é para um submarino nuclear. Ah é um parafuso especial para um submarino nuclear não tem. Não tem!

Então, gente tem que ter clareza sobre isso. Não estou dizendo que os outros também vendam e façam também não. Cada uma é uma batalha, eu por exemplo, não sei se a promessa que nós tínhamos dos suecos é que eles transfeririam o código-fonte do Gripen,

que é o que controlam o sistema de arma. Eu não sei se isso está acontecendo, porque isso é uma coisa que cada passo renovar como a Marinha estava fazendo com submarino a cada passo que você tinha que renovar a cada passo. Eu diria, a cada passo eles tinham que renovar e a casa dois passos eles tinham que ter um tipo de influência política.

Cartas. Eu levei cartas para o presidente Sarkozy, falando da importância da transferência da tecnologia. Enfim, resumindo muito, então eu acho é isso. Então, não sei porque nós entramos nesse assunto, mas...

Revista Monções: Mas é um assunto interessante, porque tal como a questão de transferência de tecnologia para o setor importante, e eu entrei tecnologia Dual. Existiu essa transferência tecnologia para o uso civil ou só ficou nas Forças Armadas?

Celso Amorim: Olha, você transfere quase que naturalmente, não todas talvez, por exemplo, todo o sistema. Isso não sou eu que estou dizendo, eu nunca fui técnico. O Mauricio Botelho foi presidente da Embraer, por um tempo, o que eu era Ministro das Relações Exteriores. É depois não. No tempo que eu estava com a Dilma já era outro. Mas enfim.

O Mauricio Botelho, na época ele estava me explicando, quando o Brasil começou a pensar em ter o Jato Supersônico o Caça a Jato Supersônico, ele me disse olha aviação, o Jato Regional é fruto da AMX , então é um depoimento claro, óbvio, mas eu acho que você pode ver.

A política de informática brasileira de que eu tratei foi informática desenvolvida para em grande parte com submarino lá da Marinha, ainda nos anos 1970. É tanto que no início a secretaria de informática nasce no do Conselho de Segurança Nacional, os primeiros titulares são da Marinha, do exército. E durante muito tempo se mantiveram nessa forma. Eu acho que a transferência não é automática obviamente, mas ela ocorre o tempo todo. O tempo todo!

Revista Monções: Nós temos mais três perguntas e depois o senhor faz os seus comentários. Uma aqui que o senhor tocou no assunto, mas é um assunto delicado. Eu queria saber um pouquinho mais da sua percepção sobre a Comissão da Verdade .

Celso Amorim: Olha, eu não vou ficar falando muito sobre isso, porque é como você diz, é um assunto delicado. Mas eu acho que digamos assim, eu vou me louvar na apresentação do relatório feita pelo Pedro Dallari, Presidente da Comissão, um advogado muito ligado a área dos direitos humanos, como aliás o pai dele também, mas ele próprio também na área internacional.

Pedro Dallari, fez uma apresentação e ele não só elogiou a mim pessoalmente, mas ele elogiou a cooperação que ele teve nos comandos das Forças Armadas. Então, não foi um processo fácil, né. Teve que ser muito trabalhado, mas ocorreu. Ocorreu e permitiu conclusões muito importantes. Então eu diria que havia sim uma certa reação cooperativa, eu acho que alguns casos podem ter havido exageros também do outro lado. Exagero nos fatos, mas na maneira, talvez as vezes até nos fatos, algumas conclusões. Não sei. Não sei. Eu não tenho capacidade de julgar isso. Não posso julgar, porque precisaria de fazer um levantamento.

Politicamente, claro que eu sempre falar politicamente colocar o Eduardo Gomes na lista de pessoas responsável por tortura é um erro político. É um erro político. Agora se ele acerta ou não se ele soube de alguma tortura ou não eu não sei dizer. Não posso saber. Nem vou me pronunciar sobre isso.

Mas enfim, quer dizer a Comissão da Verdade tinha uma tarefa muito difícil, muito importante que era restabelecer a verdade sobre o que tinha ocorrido no governo militar. Eu acho que isso foi feito. Agora, politicamente, não sei, porque é difícil porque também, sabe havia quem falasse que precisamos fazer um escracho democrático e aí pronto casava todo uma... aí a pessoa escrevia na porta do General, lá uma coisa qualquer, de Porto Alegre. Então, essas coisas você não tem controle para evitar...

Mas, foi digamos uma coisa feita com muita consciência. Eu acho que a Comissão da Verdade, na minha opinião, demorou um pouco a deslanchar até em função de um erro de percepção. Tinha a ver com a questão dos documentos, se tem documentos, se não tem o documento, não sei o quê.

Uma coisa que nunca ninguém poderá saber, porque quem que vai saber se foram queimados ou se não foram queimados. Se as pessoas levam para a casa. Não sei. Houve vários incêndios suspeitos que ocorreram em várias instalações militares. Gente vocês viram o filme sobre o Iraque? Era sobre a embaixada do... perdão Iraque não o Irã. A invasão embaixada do... um filme famoso americano .

Primeira coisa que o cara faz é queimar tudo, então entenderam. No Brasil o processo de abertura se nós vamos considerar, levou quase 20 anos, eles tiveram 20 anos para ir queimando as coisas, dando sumiço em outras.

Então, sabe era uma discussão errada na minha opinião. Eu tinha o meu antecessor. O Nelson Jobim fez uma não me lembro bem qual era o tema exato, mas digamos assim, uma sindicância em que todos os comandantes afirmaram não havia documento. E isso foi reiterado, para mim, solenemente pelos comandantes. E eu me via nas palavras deles e acho que pela lógica também. Eu acho isso que se perdeu muito tempo.

Bom, no final, eles procuraram um caminho melhor, inclusive através das nomeações e outras comunicações, que sim existiam.

Eu encontrei, quer dizer eu não, meu Chefe de Gabinete encontrou logo no começo uma coisa de 20 ou 30 tomos impressos. Não era sobre, diretamente sobre tortura nem nada. Mas coisa interessante sobre eu nem me lembro o que, porque pega isso manda para a Comissão da Verdade e manda para o Ministério da Justiça. Está no Arquivo Nacional, 30 tomos que estavam no Ministério da Defesa.

O que antes tinha sido dito de boa-fé. Acredito, porque o Ministério da Defesa não tinha documento porque nem tinha sido criado. Mas aí tinham descobriram documentos do

antigo EMFA que estava lá, inclusive uma carta do General Peri Constant Bevilacqua, na véspera do golpe para o Jango.

Então são documentos historicamente importantes. Talvez não era o tipo de documento que estavam tão interessados para ter uma visão de conjunto, mas são documentos importantes. Documentos sobre venda de armas, não estou dizendo que eles falam sobre a Operação Condor. Não sei porque eu nunca olhei. Mas, sobre venda de armas na América Latina, tinha coisas desse tipo.

Então, eu acho que houve trabalhos importantes, eu acho que o resultado da Comissão é importante. Eu acho que isso é um marco, agora foi uma coisa difícil de absorver. Eu acho que, digamos assim, nós entramos depois em uma crise que não permitiu, porque logo em seguida, o segundo mandato da Dilma já foi de crise em crise, né. Inicialmente, a crise econômica tinha chegado firme, já estava cansando para uma crise política, e aí eu acho que houve, enfim, um descaminho da área militar.

Eu não sou daqueles que acho estruturalmente sou insuperável, eu acho que isso pode ser, eu estou até falando para vocês com muita fraqueza. Minha, a minha visão... claro que eu não tenho um militar que tem uma visão que é parecida com a minha, eu fico feliz. Mas não precisa ter uma visão igual a minha. Eu acho que o militar tem que ter uma visão legalista, cumprir a lei, é isso que interessa. Sabe... é nacionalista? Não sei, se ele cumprir a lei está bom. Se ele cumprir a lei e defender o país, não entrar como eles entraram na política. O erro foi... nunca houve isso, pior do que no governo militar para falar a verdade e não falar o contrário.

Revista Monções: ... entraram e não sabem como sair.

Celso Amorim: Não sabem como sair exatamente. Eu vejo um pouco aquela figura de uma lenda norte americana que o cara é o coelho que fica batendo no coisa de mel depois não consegue mais tá grudado, lá e não tem como sair. Você disse bem, mas enfim.

Mas isso não acho que seja uma coisa irrecuperável. É difícil, até para Itamaraty. Vai ser difícil recuperar a credibilidade dos militares, talvez isso jamais, mas não é impossível. Eu acho que digamos... claro que quando eu encontro um que tem uma visão que, além de tudo é nacionalista, que também não é preciso que tenha uma visão estratégica igual a minha. Se o cara da aeronáutica quer desenvolver um avião nacional. Para mim é o que é importante com tecnologia sensacional é isso que me interessa, entendeu? Não interessa em quem que ele vai votar, não vai votar, isso é outra coisa.

Revista Monções: Queria que o senhor comentasse um pouquinho desde o mandato do José Serra, depois do Aloysio Nunes e agora vem um processo de alteração do norte da política externa brasileira que foi muito construído pelo senhor, pelo Ministro Patriota, entre outros membros. O que você poderia falar um pouquinho sobre isso?

Celso Amorim: Não é uma alteração de norte, é uma alteração para o Norte. Mas eu tenho que falar de uma distinção aí. Eu acho que a nossa política... é obvio que eu não preciso de... eu próprio ficar elogiando que eu fiz, né. E outros faram ou não, isso, e que continuou como Ministro Exterior no governo Dilma. Talvez com menos intensidade, aí uma questão de temperamento, a própria figura histórica do Lula despertava um interesse especial, né. E o interesse dele era muito grande por política internacional, não quer dizer que a Dilma não tenha. Mas ela não tinha a mesma vocação para isso.

Uma vez me fizeram uma pergunta sobre o Néstor Kirchner, e eu... qual era a dificuldade? Que na política internacional tem pessoas que gostam de estar sempre em situações controladas. E política internacional por definição isso não existe. Não existe situações não são controladas, né. Muitos atores, muita coisa, etc. e tal.

Enfim, então digamos que de alguma maneira afetou a intensidade, mas não mudou a orientação. Não tenho critica nenhuma a política da Presidenta Dilma, aliás, e no que diz respeito a defesa, acho que a gente, como eu já falei podemos até desenvolver coisas importantes, a nossa Fragata foi para o Mediterrâneo , para mim é uma grande coisa. Você

tem uma Fragata do Brasil, nau capitânia, no teatro mais antigo das operações navais que se conhece. Pelo menos no ocidente, não sei se na China teve outros, mas eu acho que não.

Batalha de Salamina, então você está lá com uma Fragata brasileira não é exatamente no mesmo lugar, mas no Mediterrâneo Oriental, é uma coisa impressionante. O prestígio fenomenal, comandando as forças da ONU lá é coisa pequena, né, mas de qualquer maneira eu acho que é impressionante. Para um almirante brasileiro e nós fizemos isso. Concretizou no governo Dilma. A compra dos Gripen fez muita coisa, então eu não tenho nenhuma crítica sobre... abrimos várias adidâncias em países africanos e em países latino-americano onde não havia. Então, isso tudo são coisa muito importantes, missão militar até pequenina, mesmo depende do país, fizemos até a São Tomé e Príncipe, e nesses países você faz uma missão militar e cria uma biblioteca, é a primeira biblioteca do país.

Como quando nós fizemos um cinema na embaixada. Isso é na Defesa. Foi o primeiro cinema do país, era o único depois Portugal resolveu fazer também em São Tomé. Então você, veja, são coisas assim.

Bom, mas voltando. Então, eu não posso dizer que a política externa, obviamente o governo Temer, para mim, tem um vício de origem. Eu chamo de volta. Então, tudo ali tem essa contaminação. Mas, eu diria que, na política externa, embora, eu discorde, pontualmente, de muitas coisas e orientação geral. Eu escrevi um artigo, o artigo meu mais lido e comentado, pelo menos que tenha chagado a mim, pelo menos mais criticado mais rebatido, não foi nenhum artigo que eu escrevi quando eu era Ministro das Relações Exteriores, o artigo que eu escrevi quando eu não era nada. E logo depois da queda da Dilma, da nomeação do Ministro Serra, pessoa com quem historicamente minou as relações, mas pelo que ele estava dizendo chamava de guinada à direita no Itamaraty.

Então, sou eu que vou defender o que apareceu no governo na gestão Serra e Aloysio Nunes. Mas eu diria que digamos, feita essa ressalva, que não é política externa que eu faria, mas ela ficou dentro ao meu ver pelo menos o essencial o dentro dos limites da

constitucionalidade. Não houve uma submissão explícita aos Estados Unidos, pode ter havido na pratica alguma coisa, mas não houve uma submissão explícita.

Mesmo, por exemplo, a UNASUL eles encontraram lá uma maneira que era uma suspensão, quem denuncia o Tratado mesmo é o Bolsonaro, então é o governo Bolsonaro. A questão da Venezuela, estava também foi meio que disfarçado, ah porque não está cumprindo as coisas, não sei o que, etc. e tal, para não parecer que houve durante o governo Temer foi muito mantido, eu estou falando aí não estou defendendo não. Mas coisas que mostram que.... foi mantido uma certa relação importante, o próprio BRICS.

Não foi a mesma coisa obviamente, governo Lula e Dilma não tem nem comparação. Mas é isso. O próprio, as embaixadas na África o Serra tinha falado que ia fechar, mas não fecharam. O Aloysio Nunes até visitou, acho que ele foi até em país que eu não tinha ido, se não me engano Malawi, até falei, achei engraçado isso.

Muito bom, merece elogio isso. Então quer dizer, no conjunto, tanto assim que for possível, como você sabe, e eu acho que com isso eu já esgoto o comentário sobre o governo atual, é fazer aquela carta que todos os Chanceleres vivos, exceção os diplomatas que estão aí no serviço ativo né. E todos os Chanceleres vivos de crítica de política externa . São cinco, seis meses atrás lá eu assinei uma carta com Fernando Henrique, Ricupero, que não foi Chanceler mas teve participações importantes, foi embaixador em Washington, assessor internacional do Sarney, com Aloysio Nunes, com Rezek, Celso Lafer, como é que eu poderia imaginar, com o Serra, como é que poderia assinar uma carta. A coisa nossa chegou um tal absurdo, que foi possível reunir todas essas pessoas.

Como eu disse uma vez, não é a frente ampla, mas é uma ampla frente pela soberania. Depois de novo quando houve o episódio de Roraima, e e o episódio de Roraima foram os Ministros Exteriores e numa outra questão que era do BID também assinaram o Ministro da Fazenda e assinaram os Secretários de Assuntos Estratégicos. Isso!

Então isso diz tudo, quer dizer, então eu acho, que digamos assim, eu acho que teria muita coisa a mudar na política. Eu faria muita coisa diferente do que foi feito no governo

Termo era obviamente que eu volto a dizer que o governo Temer, que tinha um vício de origem que já nos obrigava ser crítico de qualquer maneira e também várias coisas que não sou de acordo. Mas nada é comparável com o que ocorreu. Nada é comparado na história do Brasil, na história das Nações que eu conheço, algo que exista na política do atual governo. Nada é comparado, não há comparação possível, não há comparação possível no abandono de valores civilizatórios, no abandono do multilateralismo, no abandono... na adoção de uma política de submissão total a um governo. Há umas tendências, até o governo já praticamente acabou, mas continua a missão, a tendência da extrema-direita norte-americano. Está dito hoje na folha eu achei um artigo no Bruno Boghossian, que tem declarações do Roberto Abdenur, que foi o meu secretário-geral, mas ele teve desentendimento comigo, escreveu artigos críticos sobre política externa para página com amarelo da Veja, e ele teve o benefício de ter sido Embaixador o Beijing e Washington então isso que está acontecendo com a China não tem tamanho, não tem tamanho, não tem nome, quer dizer o Brasil fazer isso, e agora o... nota que sua expedida, acho que ontem, enfim, para o Itamaraty isso não dá nem para qualificar, não dá.

Eu posso... se você pedir há critica aí a política do Aloysio Nunes, eu pontualmente encontraria várias coisas. Eu me dou bem com ele, pessoalmente né... com o Serra, eu mencionei... eu preciso fazer uma certa justiça a minha ação lá como Embaixador em Genebra, pela questão do medicamento, mas eu não teria feito sem o apoio do Serra. O Serra era o Ministro da Saúde, e era um Ministro forte, não vou dizer que o Ministro Celso Lafer que era o Ministro das Relações Exteriores que não houve nenhuma dificuldade, não vou dizer isso, mas quem tinha o peso era o Serra. Era o Ministro da Saúde, um Ministro forte, que né... PSDB tradicional, etc. e tal.

Agora ele também não teria feito se não fosse eu negociando lá. Porque né, enfim até pelo conhecimento histórico, pela maneira de fazer, enfim não vou entrar em detalhes. Teve gestos políticos e questões técnicas que só um Embaixador em Genebra poderia fazer, pela intimidade com os temas.

Porque nós tínhamos realmente a mesma visão. E nós garantimos a possibilidade do uso da licença compulsório por questões da saúde, interpretando o Acordo de TRIPs com flexibilidades. Então isso é uma coisa muito importante, sobre... que até hoje está. Tenho uma parceria com o Serra. Então eu estou dizendo essas coisas, outro dia eu participei de uma Live o Ministro da Venezuela, imagina estava o Aloysio Nunes... eu o Aloysio Nunes e o Ministro da Venezuela.

Sabe, nem o Aloysio Nunes é favor de uma invasão da Venezuela. Nosso governo foi a favor, claramente, na intervenção militar, chamada sobre a capa de intervenção humanitária.

O Brasil fez uma coisa que não existe nos anais da diplomacia. Eu não conheço, nem no auge da Guerra Fria que a gente tirava todos os... já não falo nem de expulsar, que é bem absurdo, como fez e perdeu por causa do Supremo né. Mas de retirar todos os seus diplomatas de um outro país. Você só faz isso em caso de guerra! E de guerra em que o seu país esteve envolvido na iminência de guerra. Porque o seu interesse de manter, manter os canais, manter as informações, proteger os nacionais, ninguém faz isso.

Eu não conheço um exemplo, um exemplo que você retirou todos os diplomatas - vai ter guerra! Vai ter guerra! É assim. A história é assim. Pode ser que haja, eu estou dizendo porque não estou lembrando. Auge da Guerra Fria brigava lá os Estados Unidos, o Reino Unido brigava muito com a União Soviética, retirava cinco diplomatas, expulsaram assim, ele não retirava eles expulsavam os russos, aí os russos soviéticos expulsavam os ingleses, nunca todos, meia dúzia, raramente o Embaixador. Raríssimamente o Embaixador entre potências importantes.

Nós lá, já não estávamos com o Embaixador já estávamos encarregados dos negócios já vinha desde o governo Temer, eu acho, mas nunca chegar a esse ponto. Você nunca fez. É uma coisa que não existe na diplomacia, são coisas inacreditáveis.

O Brasil está se queixando agora da China usar as redes sociais para se manifestar é até eu acho que na China... agora é uma relação, gente, eu estava que aquele site é... que tem um ditado em francês que diz assim, certo animal omechan.(inaudível).... quer dizer ele é

atacado pelas redes sociais, quem é que foi para as redes sócias dizer que o vírus era o comunavirus? O Ministro das Relações Exteriores.

Então, o que você pode esperar? Então, aí você briga com alguém, lembra hoje, esse artigo de hoje. Você consegue um milagre o milagre está rompido com o presidente eleito norte-americano está se rompendo com a China, as duas maiores potências do mundo atual.

Revista Monções: e a União Europeia...?

Celso Amorim: Gente, não tem. E já estava rompido com a União Europeia. Mas isso não tem igual. Gente, você tinha na época da Guerra Fria que países alinhados de um lado, países alinhados com outros e países não alinhados. Países não alinhados não eram rompidos com os dois. Né. Nós temos uma coisa única. É uma inovação inacreditável, isso vai passar para os anais da história, no país grande como o Brasil não tem igual, não tem igual, é uma coisa única merece o Oscar na originalidade, roteiro original. Igual em cinema. Melhor roteiro, melhor não, pior de pouca maneira o mais original dos roteiros.

Revista Monções: Como você avalia o cenário internacional, especialmente agora após a eleição de Joe Biden e um mundo pós Covid? Qual é o papel do multilateralismo neste mundo?

Celso Amorim: olha muito rápido de certa maneira eu até abordei um pouco disso. Mas muito rápido, eu acho que o Biden que diz “America is back”, aliás tem um artigo bom hoje também na folha, da Lucia Guimarães, se não me engano, uma das correspondentes de lá. Assim, mas é uma crítica etc. porque também primeiro que não é a América, tem que se mancar que eles são os Estados Unidos, o único país que chama América de América fora os Estados Unidos é o Reino Unido, ninguém mais todo mundo chama de Estados Unidos.

Mas, enfim. Independentemente disso eu acho que, sim, vai voltar a haver uma posse no multilateralismo. Agora a visão de multilateralismo norte-americano no que diz dos Democratas, não é a visão que você ou eu tenho, ou os franceses, ou que os russos têm ou

que os alemães têm. É uma visão muito peculiar, é uma visão do que eles consideram multilateral, por exemplo, eles acham que a OTAN é multilateral. Eu não acho que a OTAN é multilateral. Ela defende determinado bloco que país antigamente contra outro bloco, hoje não é mais contra o outro bloco, mas com outro tipo de ameaça. Então não é um órgão multilateral, é um órgão que reuni países de um determinado tipo, determinado tipo de sistema econômico e político, em tese, né.

Então isso já é uma diferença, segundo é claro que eles vão sempre perseguir seu interesse, não vão abandonar o interesse norte-americano, os Estados Unidos têm muito peso. Só que, ele vai encontrar o mundo um pouquinho modificado, estou sem comparar com Obama, mas ainda com a presença da China.

A China é hoje a maior potência econômica do mundo, talvez ainda não totalmente porque ela é a maior em preços e poder de compra, mas ela vai ser ao longo dessa década, provavelmente mais lá para o fim da década, a maior em preço de mercado também. Então isso é um poder inacreditável e com, digamos a vantagem, você pode dizer que a vantagem não é uma vantagem para o povo chinês, não estou entrando no mérito, isso é uma outra questão. Mas com a possibilidade, digamos de ter mais disponibilidade no uso de recurso pelo Estado do que tem os Estados Unidos.

Os Estados Unidos os recursos do Estado que eles usam é a Força Armada, principalmente, o resto.... que nem o poder brando norte-americano é exercido porque óbvio sempre teve a própria sociedade americana tem grandes atrativos, sempre teve, né. Cinema, música, os Estados Unidos é um país interessante, um grande país em vários aspectos, a democracia americana é uma democracia real. Eu estava nos Estados Unidos na época do impeachment do Nixon, e aquilo foi uma coisa impressionante. Você vê as instituições funcionarem mesmo, né, com todos os defeitos possíveis e tal, mas funcionaram. E até hoje você vê, por exemplo, com todos os problemas que existem, racismo lá, etc. você não tem ninguém nos Estados Unidos dizendo que não há racismo. Quer dizer, talvez tivesse o Trump, não tem ninguém no partido democrata dizendo que não há racismo.

Então a influência americana se faz pelos próprios valores americanos, alguns bons outros não tão bons. Mas digamos assim, a disponibilidade – ah vamos fazer... a disponibilidade inclusive dos Estados Unidos tiveram, Plano Marshall, etc, hoje em dia não tem, se você tiver um Plano Marshall depois da pandemia a probabilidade maior de ser um plano Xi Jinping, misturado pelo próprio Plano Marshall para Europa, para a Europa. Pronto, né, já tem de certa maneira.

Então o mundo é outro, então qual será a influência dos Estados Unidos. O Obama já tinha percebido isso. Todas as críticas que se pode fazer ao Obama, mas o Obama foi progressivamente percebendo essas coisas. O Obama falou muita bobagem a respeito do Lula que eu já critiquei que eu não preciso volta isso agora, mas é... Obama já tinha percebido. O Obama já tinha percebido que no mundo era um mundo multipolar. Eu acho que o primeiro presidente norte-americano ao falar em multipolaridade é Obama. É uma coisa que digamos assim é o cérebro lá da inteligência americana e do capital financeiro, militar não gosta. Gosta no mundo unipolar. Que foi o mundo que emergiu da Guerra Fria. E se tiver que ser bipolar, paciência é Guerra Fria. Que é a concepção do Trump. A ideia de que o mundo multipolar que tem várias forças etc. é difícil dele engolir.

Então é preciso ver ainda com digamos essa disposição de trabalhar no multilateral que eu acho que é real e assim seja, com os caveats que eu já fiz de confundir com ONU com OTAN, né.

Por exemplo, quando houve o bombardeio, eu não estou falando isso... uma coisa abstrata. Quando houve um bombardeio da Sérvia em função da questão do Kosovo a OTAN apoiou, mas o próprio Tratado Constitutivo da OTAN disse para ela fazer isso ela precisa da autorização da ONU, quando não é legítima defesa.

O caso do Afeganistão e depois veio o Iraque, você pode alegar sobre tudo o Afeganistão legitima defesa, né. Porque os Estados Unidos tinham sido atacados, as torres gêmeas, etc.

No caso da Sérvia ela não tinha, é uma ação de polícia internacional. Uma ação de segurança coletiva. E uma ação de segurança coletiva só pode, tem que ser autorizada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. Há uma confusão em torno disso, muito negativa, algumas vezes, com total desrespeito a ONU, como faz a Sérvia e as vezes como digamos tornando, “elasticando”, fazendo elástico o mandato.

Então, mas eu acho que ele vai encontrar um mundo diferente. Vai uma China mais afirmativa, veja bem, é uma coisa impressionante porque a China já é um grande parceiro acho que já era o maior parceiro comercial do Brasil ou estava se tornando, por exemplo, 2006, 2007, 2008, 2010 certamente já era. E na OMC o Brasil era mais importante do que China. Mais ativo digamos e a Índia também não só o Brasil.

É só a partir de 2008, na crise. Aliás, em 2008 a primeira vez que a China participa daquelas reuniões mais restritas promovidas pelo Diretor-Geral. Mas agora não, a China está presente em tudo, e vai estar. Então, o Biden vai ter que acostumar com essa realidade. Eu acho que ele pode em alguns casos até jogar com outros países, com a multipolaridade. Pode ser positiva, para ele e para os Estados Unidos desde que haja uma concepção não de imposição e também não de conflito. Alguma coisa ele pode cooperar com a China e outras coisas não.

Então se houver essa concepção eu acho que a gente pode ir para um mundo um pouco mais previsível. E no qual Brasil, sobretudo se o Brasil for capaz de voltar a participar de uma integração Sul-americana importante. Isso dá muita força, muita força.

A União Europeia nunca teve interesse de fazer um acordo comercial com o Brasil. Foi fazer o acordo comercial com o Mercosul, isso nos dá uma presença ou até que isso uma coisa de você entregar tudo com outros países menores que não tem a complexidade industrial do Brasil. Eu acho que isso pode ser melhor. Agora vai exigir uma grande mudança de percepção. Eu não se se esse governo é capaz sinceramente, também não estou pregando que o governo saia. Eu acho que é isso aí são outras coisas que têm que ser julgada e seus próprios méritos.

Eu acho, pessoalmente, eu acho há várias pessoas que sim poderiam justificar um julgamento de impeachment. Se depois passasse ou não era outra questão, mas enfim, não sei isso não é da minha esfera e não essa, até algumas de políticas exteriores, Roraima é muito grave. Roraima se o exército possível guerra, muito grave. Mas enfim. É assim, mas as questões da pandemia outras questões são mais graves, provavelmente mais imediatamente grave. Então é isso, eu acho que vai poder recuperar, eu acho que as forças armadas vão recuperar também seu prestígio mas vai levar muito tempo. As forças armadas são muito populares no Brasil até pelo papel que acabam tendo, da ajuda quando tem desastres naturais em outras situações.

Por exemplo, os mais médicos não teriam sido possíveis de fazer os mais médicos sem a cooperação da aeronáutica e do exército. Impossível! Eles que alojavam, eles que transportavam, eles têm a logística, mas precisa ter uma boa orientação.

Revista Monções: Bom então o senhor nas duas últimas perguntas as suas influências e uma mensagem para os nossos alunos em nossa juventude.

Celso Amorim: Olha, bom, influências na minha vida profissional eu já apontei um pouco quando eu mencionei que eu estou singularizando que houve outras pessoas importantes também não vou falar de dez pessoas. Então falaria do Olvido Melo, que foi meu chefe em Londres durante um tempo que eu passei do consulado para a embaixada, foi meu chefe em Londres que é essa pessoa importante no reconhecimento de Angola. Isso eu não tive nada a ver, mas só para identificar quem é a pessoa. Eu mencionaria o Renato Archer, que foi a primeira vez que eu trabalhei direta, bem diretamente com Ministro, o Silveira estava na assessoria de planejamento, mas eu não tinha tanto contato com ele assim. Então, embora que ele ficasse bastante porque estava fazendo dadas as limitações e circunstâncias da época que não tinha. Mas o Renato Archer, o José Aparecido teve uma influência grande na minha vida política, porque obviamente não convivi tanto tempo, mas se eu não tivesse tido esse convívio o José Aparecida não teria sido Embaixador na época em que eu fui, e se eu não tivesse sido Embaixador na época em que eu fui, não sei nem se nem se teria sido Embaixador de todo. Mas... não teria sido na época que eu fui.

Não chama divertido esse convívio com ele. Eu não teria sido Ministro do Itamar, porque foi ele que me chamou para ser Secretário-geral e se eu não tivesse sido Ministro do Itamar não teria sido Ministro do Lula. Eu não seria uma personalidade conhecida para ser por ter sido Ministro do Itamar Franco. Então são três influências, assim que eu singularizaria de maneira especial. Óbvio que Lula, Dilma, mas eu não quero falar de presidentes porque aí eu já era uma pessoa formada, digamos assim. Então é óbvio o Lula foi uma enorme afinidade que eu acho que muito gratificado quando fala do próprio Cristovão Buarque, quando ele falou Lula Amorim, eu não teria feito as coisas que eu fiz sem Lula. Ele poderia ter feito muita coisa sem mim, mas eu não poderia ter feito sem ele.

Agora, talvez, algumas coisas, por exemplo, a participação do Brasil, muito coisa coincide na vida, eu acho que a vida é cheia de conhecidências, eu sei que mal lhe pergunte que você não fez... foram um dos maiores feitos, eu não sei qual foram os maiores feitos que eu não tenho feito eu tive sorte em algumas circunstâncias e algumas coisas que eu fiz que não deram certo, passaram a dar certo mais tarde e outras coisas que eu fiz que achava que daria super certo depois não deram. Então, se não sabe, a história muda, entendeu?

Declaração de Teerã, quando foi feita o Le Monde saudou com uma data histórica, 3 meses depois, pareceu dois meses, pareceu um grande fracasso, os americanos tentaram e etc., 4 anos depois, o Obama vai lá faz um acordo parecido e o Clóvis Rossi, era muito legal, mas era crítico da política externa, escreveu o seguinte: basta isso, o acordo do Lula era melhor. Então para que eu preciso sobre isso. Basta isso. Então, melhor para os Estados Unidos, de certa maneira.

Já a UNASUL, por exemplo, eu acho que ela foi muito boa e é muito boa ela deve ser revivida. Mas ela tem um defeito que ao meu ver eu não sei como contornar, é uma coisa muito complicada que é o negócio de decisões por consenso, mas que as vezes os países precisam de uma certa capacidade de perceber que certas situações, por exemplo, eu defendo muito a Venezuela, não defendo todos os aspectos, mas defendo contra a intervenção estrangeira contra as pressões, contra as sanções, mas eu acho que cometeram primeiro erro, pequeno erro, por exemplo quando houve o problema da sucessão do Sampé, na UNASUL,

ele não precisava ter vetado um candidato argentino era um cara peronista, era um peronista mais para o centro, vamos dizer assim, mas ele não iria fazer uma coisa violenta contra a Venezuela.

Aí isso acabou servindo de pretexto, ah não funciona e tal. Claro que não foi por isso que foi destruída, a razão foi totalmente outra. A razão é uma, se quiser eu te digo qual é, é o mapa da revista Economist, em 2010, que mostra o continente americano de cabeça para baixo, digamos pela conversão norte, o sul em cima e o norte embaixo, dizendo assim, em inglês né, "The rise on Latin America: nobody's back", a ascensão na América Latina não é mais o quintal de ninguém. É aí que está a razão de terem destruído a UNASUL, é aí está a parte do golpe na América do Sul.

Então eu estou dizendo isso dessa maneira, então não sei dizer quais são os melhores feitos. As influências eu saliento esses três, influencias intelectuais são muito amplas, eu quando era jovem eu me interessava muito por política, literatura, filosofia então se eu for falar, é uma coisa muito ampla e difícil de eu dizer assim se teve uma influência específica na minha visão do mundo. Visão humanista Bertrand Russel, Sartre, aqui no Brasil Celso Furtado, são influências na minha formação, Caio Prado Junior também. Mas são influencias na minha formação. San Tiago Dantas, pelo que ele fez, pelo que ele escreveu até eu li hoje mais depois na realidade do que na época, mas San Tiago Dantas.... e eu acho que está de bom tamanho.

E a palavra para os jovens é esperança, né. É tem que ser o seguinte, eu não sou otimista no sentido de deixar contaminar por uma visão assim totalmente, sei lá, cor de rosa da realidade. Agora eu acho que quem está voltando para a ação política, inclusive os pensadores, os pensadores quando escrevem eles influenciam na ação, você tem que ter um lado otimista. E o otimista não é ser tolo, mas é o seguinte, está você pode escrever a situação como você vê, mas nenhuma situação, nenhuma situação no mundo é totalmente obscura e fechada. Tem sempre uma brecha, a brecha pode ser pequena, mas você tem que olhar essa brecha e ver como é que você faz para ampliar. Essa lição uma pessoa que está ligada a ação política, seja pelas ideias, seja pela ação propriamente. Certamente um diplomata, então como é que você amplia essa brecha? Certamente é um negociador.

Você, por exemplo, quantas vezes disse que isso aqui é impossível, não vai conseguir negociar esse negócio na OMC, por exemplo, subsídios agrícolas, fim dos subsídios agrícolas de exportação, conseguimos. Não sei bem como é que é que está sendo aplicado, mas em Hong Kong houve uma decisão a esse respeito. Então, parecia impossível, então eu acho, por exemplo, desarmamento nuclear. Se eu olhasse hoje, impossível, mas não é. Eu acho que você tem que olhar.

Eu fiz parte de uma comissão, chamada de Comissão de Caber, para eliminação total das armas nucleares e tinha pessoas com MacNamara, ninguém pode dizer que MacNamara é um tolo, otimista. Tinha um cara lá que tinha sido chefe do Estado-maior conjunto lá chama presidente, o Estado-maior conjunto das Forças Armadas norte-americanas, né, e tinha gente mais idealista no sentido tradicional da palavra, detalhista, Jacques Cousteau. Tinha é, então eu acho isso, e lá tinha um roteiro para como você deve fazer. É possível, claro que tem que ter uma vontade política não é fácil. Então eu acho isso.

Você tem que conservar esse otimismo, ver onde está a brecha tem momento que é muito difícil, o momento que nós estamos vivendo é muito difícil. Mas eu começo a ver uma brechinha, eu acho que a eleição do Biden, eu acho que digamos é muito vergonhosa a tibieza da nossa elite pensante, quando começa a fazer críticas, por exemplo, por causa da política externa, eu vejo a Miriam Leitão, por exemplo, eu não concordo sobre 90% do assunto, mas os 10% relativo a política externa, os 10% sobre os quais ela tem escrito, não outros talvez, os 10% eu concordo integralmente. Porque é uma questão de restaurar a normalidade, credibilidade, que o Brasil tem como um país, uma história do país. Então eu acho isso. Tem que ter esperança.

Então gente, então é isso. O discurso do Figueiredo, na ONU, em 1982. Olha aí, em 1982 eu tinha acabado de ser demitido da Embrafilme, então eu não estou falando nada assim. Em 1982, o discurso do Figueiredo na ONU está tudo circulando nas redes aí, com os discursos do Bolsonaro. Parece um discurso do líder terceiro mundista, comparado sobre soberania, independência, multilateralismo. Sabe, então o Brasil vai reencontrar o seu

caminho. Eu espero que seja mais caminho do Lula do que do Figueiredo, obviamente né. Óbvio.

Mas digamos assim, só estou dizendo isso para mostrar que o que tem hoje é uma anomalia totalmente fora da curva. Agora eu me espanto com a tibieza da elite brasileira. A tibieza para não força uma mudança nisso. Não quer tirar o presidente, não tira. Mas sabe, convoca o Ministro das Relações Exteriores, faz ele responder cada coisa, não deixa ele fazer o jogo dele.

Mas como é que pode, você me chamar, falei comunavirus. Isso não faz parte da ética diplomática, não faz parte do decoro. Alguma vez, vocês viram o Kennedy falar isso? Nenhuma vez. Os países entram em guerra e as vezes preservam o decoro. Deixam lá os inimigos falarem coisas piores.

Mas é uma coisa que não existe, não existe. Então tirar... isso não é uma expressão é retórica e no concreto será que todos os diplomatas de um único país, façam vocês que são pesquisadores, façam e pesquisam, eu não conheço um exemplo na história do mundo, claro que a minha visão é fraca. E os exemplos que você conhece vai ver que houve guerra ou iminência de guerra. Na história do Brasil, nem falar. Você rompe relações é diferente, rompeu relações com Cuba, é uma coisa diferente. Rompeu relações, se retirou e tal. Se você pede a um outro país para cuidar dos seus interesses. Até a guerra das Malvinas com a Argentina, entre a Argentina e o Reino Unido, o que que faz a Argentina? Ela pede para o Brasil para assumir os seus interesses e quem está cuidando dos nossos interesses na Venezuela? Tem alguém cuidando? Não. Ele é pior do que romper as relações.

Então é isso. Se for, se tiver um brasileiro e for lá para fazer uma certidão, não sei como você faz, vai depender dos venezuelanos. Ter boa vontade de mandar por contrabando um documento para o Brasil aí para ver se chega em algum lugar. Eles terão, mas provavelmente, mas é um absurdo.

Revista Monções: Ministro, muito obrigado. Foi um prazer estar com senhor, agradeço seu tempo.

Celso Amorim: aí em Dourados tem um centro acadêmico com meu nome é?

Revista Monções: É, em Dourados. São os nossos alunos.

Celso Amorim: É de Relações Internacionais?

Revista Monções: Isso.

Celso Amorim: Eu não consegui ir ainda. Tenho que esperar agora acabar com a pandemia para poder ir aí.

Revista Monções: Obrigado mesmo, muito interessante. Uma aula

Celso Amorim: Abraço grande.